

sobre tudo

LÍRICA DA ALMA DESAJUSTADA: NOTURNAS, DE FAGUNDES VARELA

Claudia Renata Duarte²⁶

Resumo: O texto trabalha a lírica da alma desajustada de Fagundes Varela no contexto literário do romantismo brasileiro do século XIX, por meio das imagens da mulher, da natureza, da melancolia e da morte presentes nos poemas de *Noturnas*.

Palavras-chaves: romantismo, poesia, natureza, morte.

Abstract: The text deals with the lyric of the maladjusted soul of Fagundes Varela in the literary context of nineteenth-century Brazilian romanticism, through the images of woman, nature, melancholy and death present in the poems of *Nocturnals*.

Keywords: romanticism, poetry, nature, death.

²⁶ Doutora em Literatura pela UFSC. Contato: claudiarenatadu@gmail.com

Introdução

Boêmio, desajustado, rebelde, melancólico, intempestivo, Fagundes Varela caracteriza a imagem ideal e até mesmo estereotipada de um poeta romântico. Como afirma Machado, "seus dias não correram serenos, retos e felizes." Dono de uma vida "atribulada", "sensível à lira patriótica", produziu poesia de qualidade.²⁷

Noturnas, primeira obra do poeta, publicada em 1861, conta com um aviso ao leitor, uma dedicatória à Mãe e dez poemas, em sua maioria de versos brancos. Trazem em seu conjunto uma certa inquietação metafísica ou existencial que pode ser melhor compreendida ao situar o contexto político-estético de sua produção.

Se por um lado, os europeus enfrentaram o fim do Antigo Regime e Revoluções que a princípio provocaram instabilidade - principal marca do imaginário romântico -, por outro, no Brasil de Varela, tínhamos a construção da ideia de nação e de Estado em uma sociedade que apresentava uma fratura existencial de base: a escravidão. Neste cenário de contrastes, que ainda não havia rompido com o colonialismo, emerge o nosso romantismo.

²⁷ ASSIS, Machado de. Carta a J. Tomás da Porciúncula. Publicada originalmente em A Crença, agosto de 1875. In: **Obra Completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

Varela teria sido, segundo Mário de Andrade, o poeta brasileiro que exprimiu a natureza nacional para além da imagem das palmeiras.²⁸

Revalorizada pelos românticos, a natureza tem por objetivo traduzir o estado de espírito do personagem ou do autor. Ela vai refletir os sentimentos, o desespero e a melancolia do eu lírico. Nesse sentido, o artista dela se serve para traduzir em palavras, o mistério, o medo, a espera ou a morte. "Ao contrário da natureza árcade, decorativa", no romantismo ela é expressiva: "significa e revela. Prefere a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho e a imaginação."²⁹

O poeta parece penetrar no mundo interior, apela para o espaço sideral, sobretudo durante o sono, quando sonha ou quando se encontra em estado onírico ou de êxtase, ou seja, quando sua consciência está mais ou menos silenciada, as

²⁸ "Nacionalismo: É curioso de se notar que o nacionalismo naturalista, quero dizer, em relação à natureza, dos nossos românticos si aquartelou na copa da palmeira quasi que só. A Varela coube ir um pouco além. Os outros dos que falam no Brasil nacionalistamente, ou por saudade ou por exaltação patriótica lá vem palmeira." Nota MA, In: DIAS, A. Gonçalves. *Poesias*. Ed. cit., vol. 2, p. 153, Apud MARANINCHI, Marcelo Castro da Silva. **O segredo dos sentimentos sinceros**: estudo da marginália de Mário de Andrade na poesia do romantismo brasileiro. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, Universidade de São Paulo, 2016, p. 69.

²⁹ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 93.

constelações da noite tornam-se visíveis. É o que se pode ler no poema Névoas:

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de névoas imensas
Que em grutas extensas se elevam no ar,
Um corpo de fada, - serena dormindo,
Tranquila sorrindo num brado sonhar.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,
Das verdes, - cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?

(...)

Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,
- Tão frio - não sentes o pranto filtrar?
E as asas de prata do gênio das noites,
Em túbios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os astros sem alma - se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

(...)

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as névoas sombrias,
- Nas horas tardias que a noite desmaia. -

E as brisas d'aurora ligeira corriam,
No leito batiam da fada divina;

Sumiram-se as brumas do vento à bafagem
E a pálida imagem desfez-se em - neblina!

As brumas, a neblina, a pálida chama, os astros que compõem o cenário, sugerem tratar-se de um sonho ou delírio, a visão do "corpo de fada", da "filha das névoas! das veigas viçosas", que se desfazem em neblina ao raiar do dia. A inspiração se abre aos domínios desconhecidos do sonho e do imaginário.

Cabe lembrar que, se para os clássicos a natureza era límpida, a razão era clara e a sociedade era ordenada, para os românticos, a natureza é ambígua, a razão é turva e a sociedade é frustrante e insatisfatória.

Como respostas às insatisfações, o poeta romântico volta-se para natureza e nela encontra espaço para dar livre curso aos seus sentimentos. Cada poema pode ser lido como uma erupção meteorológica, um grito da alma, um quadro privilegiado da expressão do eu e da experiência do tempo na tradição lírica. Lugar selvagem e ao mesmo tempo consolador, ele oferece ao artista uma recusa melancólica longe das corrupções da sociedade.

Assim, no poema *A enchente*, Varela retrata uma catástrofe natural, aí encontrando a violência do sentimento, a desmedida do sublime da paisagem romântica. Dramática, a água transborda do leito do rio, torna-se hostil, perigosa. "Duro, insofrido, o vendaval soergue". Os homens parecem impotentes diante dessa natureza desmedida. Mortos, "bóiam sobre as águas frias".

A correlação entre paisagem e estado de alma, segundo Bosi, é a metáfora romântica mais recorrente. Mas já não se trata

de um espelho perfeitamente simétrico. "A poesia romântica teria perdido a ingenuidade (...) tornando-se sentimental, dobrou-se sobre si mesma e alargou o hiato entre a consciência e o mundo. Subjetivismo e ironia preencheram esse intervalo."³⁰

Ninguém escapa às marcas de seu tempo. Com Fagundes Varela não foi diferente. Ele transpõe para seus poemas o complexo patriarcal europeu. Daí teria vindo o modelo feminino típico do romantismo brasileiro. A julgar pelos livros que circulavam entre os poetas nacionais, foram tomados de empréstimo da Europa, especialmente da França e da Inglaterra³¹.

³⁰ BOSI, Alfredo. *Imagens do romantismo no Brasil*. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 245.

³¹ Segundo Brito Broca, "Varela chegara a mostrar mesmo a um amigo a sua biblioteca: eram várias garrafas colocadas num canto, como livros na estante. Dos livros de verdade que possuía ficou-nos contudo, um testemunho concreto no auto de penhora dos seus bens, ordenado por despacho do Juiz Municipal de São Paulo, a rogo de Camilo Antônio Pedroso. Lavraram-no dois meirinhos numa 'algaravia medonha', como observa Edgard Cavalheiro, em que os nomes de alguns livros estão grafados de forma intraduzível ou constituindo verdadeiros enigmas. Distinguem-se no entanto perfeitamente alguns títulos: a Bíblia, A Dama das Camélias (não se sabe se o romance ou a peça), a Divina Comédia, Gil Blas, Fausto, Nossa Senhora de Paris, O Gênio da Língua Portuguesa, além das indicações dos seguintes autores: Musset (um volume, Gustave Planche (dois), Heine (dois), Béranger - no auto figurando como Berangar - (dois), Alfredo de Vigny (um), João Paulo Richter (um), George Sand (um), Stendhal (um), Jouffroy (um), Gautier (um), Guizot (um), Lamartine (dois), Paulo Féval - no auto, Veval - (um), um drama de Murger e o Curso de Literatura Nacional, de Fernandes Pinheiro, aparecido no ano anterior...." Ver: BROCA, Brito. **Românticos, pré-**

Assim, em seu poema *A mulher* (1861), nos deparamos com a antítese solar-sombrio, na qual a natureza acaba desembocando em um indivíduo mortal: "A mulher sem amor é como o inverno", (...) "Não há canto nem flor, - não há perfumes", (...) "A mulher amorosa é mais que um anjo / É um sopro de Deus que tudo eleva! (...) "A mulher amorosa é como aurora!"

A identificação da mulher com a natureza em oposição à uma identificação do homem com a cultura vem gerando vários debates na contemporaneidade, buscando encontrar uma explicação para a desvalorização universal feminina. Se por um lado, o processo biológico de reprodução permitiu a identificação da mulher à natureza e ao corpo que acolhe, por outro, os homens foram intrinsecamente ligados à cultura e ao espírito, o que lhes colocavam como sujeitos superiores. Uma tal epistemologia dualista separa natureza e cultura, o espírito e o corpo, segundo critérios de gênero.

Há uma espécie de dependência semântica assimétrica de um em relação ao outro, do feminino vitimizado em relação ao masculino. Assim, nesse poema, o eu lírico se coloca numa posição hierárquica, cabendo à Mulher, "amorosa", ao poeta se juntar para afastar-se do "caminho incerto" e tornar-se plena, radiante como a "aurora". Ao heróico e generoso poeta caberia perfumar-lhe a vida.

Em *Vida de flor*, novamente a imagem feminina é associada à natureza. Ao comparar a mulher a uma flor, empresta à primeira, qualidades estéticas da segunda, levando-nos a pensar

românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979, p. 99-100.

não apenas na efemeridade da vida, mas principalmente da "pureza", da "juventude" e, por que não, do período reprodutivo.

Não se trata é claro, de cobrar do poeta uma postura que ainda no século XXI se luta por estabelecer, mas seus versos levam a refletir sobre alguns dos modos - no caso, estéticos-literários - pelos quais este postulado foi construído e justificado por um determinismo biológico. Obras como **A polícia das famílias**, de Jacques Donzelot (1980) e a **História da sexualidade**, de Michel Foucault ³² (1977), nos ajudam a compreender como o capitalismo emergente disciplinou corpos e desejos, não apenas reprimindo, mas construindo uma identidade sexual pelas práticas de dominação social e também pela mediação discursiva. Trata-se da construção histórica de um complexo sistema de normas reguladoras que inscrevem a figura feminina na divisão binária dominante, determinando à mulher o papel de mãe, esposa, indivíduo fragilizado e como um tipo predominantemente emotivo, afetivo, entre outras caracterizações do gênero. Construção que repetida de forma contínua faz parecer uma entidade aparentemente estável, naturalizada e não contingencial.

Paradoxalmente, esse mesmo Varela que situa a mulher no papel inferiorizado, questiona o modelo de família burguesa, como se pode ver em *Arquétipo* e também no prefácio de **Vozes da América** (1864):

³² DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: vontade de saber**. Trad. Maria T. Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

Vivia por viver ... porque vivia.
[...] Escolhera uma noiva descuidoso,
Como um brinco chinês - um livro in-fólio,
Ao altar conduziu-a, distraído,
[...]
Como tudo na vida, o matrimônio
Bem cedo o aborreceu; após três meses
Disse Adeus à mulher que pranteava
(*Arquétipo*, 1861)

O poeta soffre, porque o poeta perdido nas nevoas de um mundo phantastico desconhece as leis da humanidade; e em vez de contentar-se com o socego da família, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e únicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realisal-a maldiz-se e se consome. O poeta soffre, porque o seu elemento é a ociosidade, e por ella sacrifica todos os seus deveres e necessidades.

O poeta soffre, (eis o lugar commum de suas lamentações) porque as turbas não o comprehendem, e cospem o sarcasmo e as ironias ás mais fundas agonias de su'alma. Ah! graciosa accusação! Querem que os honestos pais de família; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o paiz; os commerciantes e lavradores; o mercenário occupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos,

deixem seus filhos com fome para aplaudir-
lhes as loucuras e tecer-lhes coroas de ouro!³³

Varela demonstra sua visão de mundo, que é por essência uma resistência ao modo de vida da sociedade mercantilista e patriarcal. Revolta e melancolia se unem em uma reflexão sobre a modernidade brasileira da época, sobre as contradições do fenômeno romântico e também da vida e obra do próprio autor.

A arte lírica assim como a arte do fragmento caracterizam justamente um dos aspectos fundamentais do romantismo. O que é um fragmento para o romantismo, senão uma forma nele mesmo contraditória? O fragmento não é um simples defeito de acabamento e de plenitude, ou unicamente a ruína de um monumento do passado.

No poema *Fragments* (1861), Varela sugere a ideia de desenraizamento e de descontinuidade. Pode-se ler em seus versos a impotência diante de um mundo em transformação, a busca que se prolonga, mas que subverte a ideia de completude ou de perfeição e aponta para errância, para uma negatividade crítica:

(...) Refugiei-me em vão, buscando d'alma /
Expulsar o pesar que me roía! (...) Adormeci à
sombra dessas ruínas / Onde envolto em seu
manto de descrença / Lorde Byron vagou (...)
O pesar me seguia - mudo, - frio - (...) Deixei a
Grécia (...) Fugindo o tédio de uma vida eivada
(...) Embrenhei-me nas selvas seculares / Lá
onde à sombra de soberbos cedros / Dormia

³³ VARELA, L. N. Fagundes. Prefácio. In: **Vozes da América**. São Paulo: Typ. Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1864.

a solidão seu sono imenso! (...) Pedi a Deus -
um existir de bruto, -? / matéria impura sem
pensar nem dores / Mas nem um gozo
iluminou-me a vida (...) Errei nessas paragens
encantadas (...) De dor em dor com vagarosos
passos / Atravesso os desertos da
existência! (...) Gastando as noites no fervor
do jogo! / Tonto de vinho, - desvairado em
febre, - / Elevei minha taça
transbordando/Entre blasfêmias e obscenos
cantos! (...) Coberto de tristeza e de
saudades, / Quebrei a ausência, atravessei os
mares (...) Mas silêncio! ... um véu negro,
impenetrável, / Cubra esse quadro que meus
olhos viram; / Durma na sombra de um olvido
eterno / Esse mistério fúnebre, banhado / De
lágrimas de sangue!

O ato de "deixar a Grécia" sugere o que se constata em uma análise comparativa entre a arte romântica e a perfeição grega: a falta de um equilíbrio totalizante e a natureza deficitária da própria realidade. A experiência da imperfeição marca a vida no alvorecer do capitalismo e fornece aos românticos sua compreensão da poesia, da arte e da realidade.

Pode se imaginar que em uma sociedade como a brasileira do século XIX, voltada para exportação de mercadorias produzidas pelo trabalho escravo, pouco se questionava a instituição servil. Mas bem antes do processo de independência começaram a surgir ideias radicais que pregavam a liberdade do jugo colonial.

Segundo Alfredo Bosi, os anos de 1860, momento que Varela publica **Noturnas**, foram fecundos não só como preparação

para ruptura mental com o regime escravocrata, como também contra as instituições que o sustentavam, tais como a monarquia e os seus símbolos.³⁴

No poema *À estátua eqüestre* (1861), em um clamor pela liberdade e fim da tirania, o eu lírico convoca o leitor a dar as costas ao "passado escuro":

(...) Porque tão cedo enregelais o seio
Nessas frias geadas que predizem
A morte das nações.
E os pulsos presos, e a vontade escrava,
Do mártir a memória e a voz dos bardos
Cobris de maldições?

Erguei-vos desse lívido marasmo,
Afrontai o negrume das tormentas,
O horror da tirania!
Se agora em bronze eternizais - senhores, -
Gravai nos bronzes o brasão dos livres,
Saudai um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,
Embora à frente com furor me gravem
Estigma infernal!
Não posso calmo ver pisar-se as turbas,
Como o corcel de levantada estátua
O chão do pedestal!

Um das preocupações do romantismo era expressar os sentimentos daqueles que há pouco tinham passado à condição

³⁴ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p.163.

de nação. Apesar de apegado aos modelos europeus, Varela captou as ideias que brotavam em seu tempo e questionou a transformação da história em monumento, sugerindo que gravassem em bronze "o brasão dos livres", a imagem dos mártires que lutaram pela independência.

Revitalizar a memória de D. Pedro I, para quem seria erigida a estátua equestre, lhe parecia um retrocesso. O inconformismo que se percebe lendo este poema, pode ser visto como uma das atitudes claramente contrárias à dominação social reinante em sua época. Ao criticar a monarquia, pressupõe-se que o poeta critique também a sua instituição basilar, a escravidão, "os pulsos presos" que deveriam ser libertos de maldições.

Os resíduos do passado, da sociedade abalada sobretudo após a malograda conjuração mineira, trazem consigo a frustração da geração que havia lutado por um novo projeto de nação e também das gerações vindouras, da qual fazia parte o poeta.

Demonstra-se dessa forma que o poeta romântico recusa a ordem do mundo, pressentindo que esta ordem é uma desordem que só integra os abastados e os conformistas. Ele escolhe a revolta, a diferença até a morte. Tem a intuição do trágico da condição humana. Prefere a sombra à luz, o silêncio ao barulho, a melancolia à felicidade considerada inacessível. Sente-se mal adaptado ao seu próprio mundo, preferindo se aconchegar nos mundos que não existem ou que existem somente nos sonhos e na imaginação. Sente de modo exacerbado todos sentimentos humanos, o amor, a amizade, a raiva, a solidão, a tristeza, a

dificuldade de viver. Não tem medo de quebrar tabus, de olhar a morte de frente e de flertar com a blasfêmia.

Não faltam em **Noturnas** poemas que trazem um fundo de nostalgia. Varela cultiva uma espécie de sofrimento que se traduz entre outras coisas pelo fascínio da morte. Em *Sobre um túmulo*, a destruição de si, a morte voluntária parece ser um recurso possível para findar com o mal viver. A autodestruição do herói romântico constitui uma forma de renúncia ao mundo, à sociedade que trai seus ideais. Não satisfeito com a frustração irremediável, o eu lírico pragueja também seu leitor: "Soe em teu leito a voz da maldição! (...) Pese-te a terra qual um fardo imenso".

O cemitério aparece como um lugar privilegiado de tranquila solidão, adequado ao pensamento, ao imaginário e ao sonho, mas também, como um lugar de angústia e fascínio, onde se buscam respostas às interrogações do eu lírico, em especial aquelas sobre a finitude.

No poema *O foragido* (1861), a apreensão da noite, a recorrência às "trevas", às "brumas" indicam uma nova sensibilidade, tentando encontrar no mundo uma outra razão, aquela do impalpável, das emoções, do irracional, de tudo o que até aqui tinha sido rejeitado como pertencente ao universo mítico marginal:

Minha casa é deserta. O que é feito
Desses templos benditos doutrora,
Quando em torno cresciam roseiras,
Onde as auras brincavam na aurora?
(...)
Nunca mais desses dias passados

Uma luz surgirá dentre as brumas!
As montanhas se embuçam nas trevas,
As torrentes se vendam de espumas!

Corre, pois, vendaval das tormentas,
Hoje é tua esta morna soidão!
Nada tenho, que um céu lutulento
E uma cama de espinhos no chão!

Ruge, voa, que importa! sacode
Em lufadas as crinas da serra;
Alma nua de crença e esperanças,
Nada tenho a perder sobre a terra!

Vem, meu pobre e fiel companheiro,
Vamos, vamos depressa, meu cão,
Quero ao longo perder-me das selvas
Onde passa rugindo o tufão!

O eu lírico coloca em cena as sutilezas da nostalgia e da melancolia, estados íntimos com os quais contempla o que já se foi e o que poderia ter sido, manifestando-se por uma imersão no passado e tendo o tempo como um dos temas centrais.

Com sentimento de impotência, vê-se afastar "dos templos benditos doutro", deles restando apenas as lembranças. Voltando para sua dor, dá-nos a ver o desencantamento romântico: "nada tenho, que um céu lutulento / E uma cama de espinhos no chão!", e o desejo de fuga: "Vamos, vamos depressa, meu cão, / Quero ao longo perder-me das selvas / Onde passa rugindo o tufão".

A eternidade da natureza faz sentir dolorosamente o caráter efêmero da vida humana, a expressão do tempo e da memória se preenche de uma doce nostalgia.

Ao longo de **Noturnas**, Varelanos mostra a nostalgia como lugar de contemplação, enquanto a melancolia transita entre um estado de dor, um sentimento de morte e a elevação do espírito. Tudo parece pretexto para meditação dolorosa e a evasão da realidade, como se pode ver no poema *Tristeza*. Portador de uma alma "como um deserto", o solitário eu lírico ressenete-se pela falta de esperança. Perdidas as ilusões, consome-se em "atrozes ideias". Diante da vertigem, clama pelo sono eterno, pela "virgem descorada" que lhe confortaria no "leito mortuário".

Mais uma vez vemos a busca de evasão da realidade, o desajuste no mundo em que habita, a constituição da própria figura do gênio romântico incompreendido: "quero morrer, que este mundo / com seu sarcasmo profundo / manchou-me de lodo e fel / porque meu talento evaporou-se / dos martírios ao tropel!".

Se a complementaridade da luz e da obscuridade é o que constitui a totalidade da vida, a noite revela uma atração singular entre o mundo espiritual dos mortos e o mundo natural dos vivos. A morte seria este instante onde nossa noite interior se ilumina para chegar ao fim perfeito.

Referências

ASSIS, Machado de. Carta a J. Tomás da Porciúncula. Publicada originalmente em *A Crença*, agosto de 1875. In: **Obra Completa de**

Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Disponível em: <<https://www.literaturapiauiense.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8276>>. Acesso em 25 mai. 2018.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários.** Trad. José P. Paes. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BOSI, Alfredo. Imagens do romantismo no Brasil. In: GUINSBURG, J. (Org.). O romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 239-256.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira.** 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 130.

BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos.** Vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979, p. 99-100.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias.** Trad. M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: vontade de saber.** Trad. Maria T. Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977

MARANINCHI, Marcelo Castro da Silva. **O segredo dos sentimentos sinceros: estudo da marginália de Mário de Andrade na poesia do romantismo brasileiro.** Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, Universidade de São Paulo, 2016.

MARQUES, Wilton José. **Gonçalves Dias: o poeta na contramão (literatura e escravidão no romantismo brasileiro).** São Carlos: EdUFSCar, 2010.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870).** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SANTIAGO, Silviano. Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: **Ora (direis) puxar conversa!**: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 13-14.

VARELA, L. N. Fagundes. Prefácio. In: **Vozes da América**. São Paulo: Typ. Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1864.

_____. Noturnas. In: **Poesias completas de Fagundes Varela**. São Paulo: Saraiva, 1956. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38856>>. Acesso em 25 mai. 2018.